

# ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlindo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2 /  
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. - Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-154-8

DOI 10.22533/at.ed.548211006

1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins  
(Organizador). II. Título.

CDD 306.47

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.

Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seleto grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu segundo volume, reúne vinte artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA ARTE NA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES

Flora Pereira Flor

**DOI 10.22533/at.ed.5482110061**

### **CAPÍTULO 2..... 12**

*SERMÕES EM PALIMPSESTOS*, PARA FLAUTA E SONS ELETRÔNICOS: ASPECTOS COMPOSICIONAIS, ACÚSTICOS E PERFORMÁTICOS

Rodrigo Manoel Frade

Felipe Mendes de Vasconcelos

**DOI 10.22533/at.ed.5482110062**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

HÁ QUE SE LER A POÉTICA PARA SE ENTENDER A POLÍTICA

Dinah de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.5482110063**

### **CAPÍTULO 4..... 36**

SISTEMA DE GESTÃO PARA PROJETOS INTEGRADORES

Cleuza Bittencourt Ribas Fornasier

Seila Cibele Sitta Preto

**DOI 10.22533/at.ed.5482110064**

### **CAPÍTULO 5..... 48**

O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM MÚSICA NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Beatriz Paulino Pereira

Vania Malagutti

**DOI 10.22533/at.ed.5482110065**

### **CAPÍTULO 6..... 59**

MÚSICA, VOLUNTARIADO E INTERGERACIONALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Estela Kohlrausch

Johannes Doll

**DOI 10.22533/at.ed.5482110066**

### **CAPÍTULO 7..... 70**

FERRAMENTAS PARA LER, COMPREENDER E INTERPRETAR O *CALENDÁRIO DO SOM* DE HERMETO PASCOAL

Ewerton Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.5482110067**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
ARTE PARTICIPATIVA E PROPOSIÇÕES SISTÊMICAS: PESQUISAS E EXPERIMENTAÇÕES ACADÊMICAS	
Adriana Gomes de Oliveira	
Helena Martins de Lacerda	
Laura Campos Daibert	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>102</b>
AS DESENHAÇÕES COMO POTÊNCIA METODOLÓGICA NA PRÁTICA DOCENTE: EXPANDINDO OS LIMITES TERRITORIAIS DO QUINTAL	
Taliane Graff Tomita	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5482110069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
DIVERSIDADE NA ESCOLA: OS DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA	
Ana Beatriz Barreira Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>130</b>
METODOLOGIA INTEGRATIVA CRIATIVA EM ARTE	
Ana Amélia de Araújo Maciel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>139</b>
AS ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PONTO DE CULTURA JOVENS PESQUISADORES	
Dálete Lima de Souza	
Érika de Andrade Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>151</b>
O ENSINO DA MÚSICA E SEUS DIFERENTES CONTEXTOS EM PORTUGAL	
João Guimarães Ribeiro	
Antônio José Pacheco Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>165</b>
O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA TERCEIRA IDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM RELEITURAS DA MONA LISA	
Rosali Henriques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54821100614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>178</b>
O ENSINO DE REGÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA POPULAR:	

PENSANDO OS DISCURSOS Armando de Araujo Ferreira DOI 10.22533/at.ed.54821100615	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>189</b>
PROJETO SOCIAL E ENSINO DE MÚSICA: OLHAR DOS ALUNOS E DO PROFESSOR EM UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA Livia Figueiredo de Alencar e Silva DOI 10.22533/at.ed.54821100616	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>197</b>
A EDUCAÇÃO MUSICAL EM UMA ESCOLA RURAL: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA (TRANS)FORMADORA Igor Viana Monteiro DOI 10.22533/at.ed.54821100617	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>207</b>
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTES: DESENVOLVIMENTO DAS DIMENSÕES DA MUSICALIDADE NAS AULAS DE ARTE EM CAUCAIA/CE NO INÍCIO DO DISTANCIAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DO YOUTUBE Daniel do Nascimento Sombra Israel Kleber de Oliveira Teó ilo DOI 10.22533/at.ed.54821100618	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>219</b>
A LEGISLAÇÃO E O ENSINO DE MÚSICA Jayza Monteiro Almeida DOI 10.22533/at.ed.54821100619	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>231</b>
APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA ATRAVÉS DE ESTÁGIO EM PROJETO SOCIAL Yndira Gabriela Fleitas Villarroel Rita de Cássia Domingues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.54821100620	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>243</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>244</b>

## HÁ QUE SE LER A POÉTICA PARA SE ENTENDER A POLÍTICA

*Data de aceite: 01/06/2021*

**Dinah de Oliveira**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
<https://orcid.org/0000-0001-8503-7299>

**RESUMO:** Apresentamos uma experiência pedagógica em desenvolvimento no curso de Bacharelado em Artes Visuais/Escultura/EBA/UFRJ, tensionada por provocações da “Pedagogia das encruzilhadas” ou “A ciência encantada das macumbas” desenvolvidas pelo escritor-pensador Luiz Antonio Simas e pelo professor-pensador Luiz Rufino. Em seu aspecto de tempo fibroso e não linear, a argumentação teórica para nós é como uma encantaria que acontece por meio do conceito de assentamento dos autores citados. Assentamento como cruzo de pensamentos em estados decolonizantes que interagem seus encantos na academia de arte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia das encruzilhadas, metodologias experimentais; Walter Benjamin.

### YOU HAVE TO READ POETICS TO UNDERSTAND POLITICS

**ABSTRACT:** We present a pedagogical development experience in the course of Bachelor of Visual Arts / Sculpture / EBA / UFRJ, tensioned by taunts of “Pedagogy of the crossroads” or “Enchanted science of macumbas” developed by writer-thinker Luiz Antonio Simas and Professor-thinker Luiz Rufino. In its aspect of fibrous and non-linear time, the theoretical argument for

us is like an enchant which happens through the settlement concept whose authors cited. Settlement as cross thoughts in decolonizing states interacting its charms at the art academy.

**KEYWORDS:** Pedagogy of the crossroads; experimental methodologies; Walter Benjamin.

### ABERTURA DOS TRABALHOS

A arquitetura do presente trabalho situa-se na temporalidade. Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro. E esse futuro não é cósmico, é o do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum pretendo preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente a minha época (FANON, 2008. P. 29).

Atrair esse trabalho ao tempo é um modo de evidenciar sua carnalidade fibrosa. Sua perspectiva é necessariamente uma tomada de posição. A tomada de posição é sempre um deslocar-se, realizar contatos interrompidos como na experiência do exílio. O exílio que reivindicamos é aquele que infere seu caráter destrutivo no agora como abertura de caminhos e por sua “necessidade de ar puro e de espaço (...) mais forte do que qualquer ódio” (BENJAMIN, 1986. pp.187-188). Sabemos que tomar posição é se mover – se distanciar e se aproximar e não totalizar a visão. E esse movimento-em-posição tem a ver nesta ginga

com os lugares-corpo da experiência docente do curso de Bacharelado em Artes Visuais/ Escultura, da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A posição é a de uma discussão que só admite a singularidade absoluta que reconhece os caminhos do corpo como estandarte de uma vida nua (AGAMBEN, 2015, p. 15) que tem seu direito originário à vida ameaçado de morte pelos poderes escancarados nas estruturas soberanas e ocidentalizantes.

A investida aqui começa na encruzilhada que Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, estes dois encantadores da imagem-palavra, nos colocam quase como em uma emboscada entre as poéticas e seus modos de aparecimento político. Da emboscada que armaram esses autores surge nosso título (SIMAS&RUFINO, 2018) e a demarcação do desejo dessa escrita: atravessar nossos fazeres com as proposições da Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2017). Sua mirada é um projeto que enlaça o poético, o político e o caráter ético em consonância com o princípio de Exu como lugar de enunciação para desenhar modos de vida e práticas pedagógicas que, contra o ponto de fuga como lugar central de cognição, partem da destruição assumindo uma reorganização experimental dos fragmentos e das memórias. Exu é aqui evocado como pedagogo-senhor das possibilidades, o orixá que aprendeu tudo com Oxalá, mas aquele que “cospe o que engoliu de forma transformada” (RUFINO, 2018, p.76).

Daí que nos interessa atravessar o encantamento de linguagem que emerge dos modos em que os trabalhos de arte de artistas-pesquisadores engendram seus modos políticos. Assim, uma posição-corpo dessa escritura é sua criação na mandinga da capoeira angola. Se o mestre nos apelida de “vara verde” é porque arqueamos, mas não quebramos e se por vezes grita “escorpião”, é porque no arqueio está o veneno, ou se quisermos, a política. Neste encantamento de palavras a primeira licença que pedimos é aos autores citados. Assim surgiu um entalhe que provocou faísca: o arqueio do corpo frente aos diferentes corpos da universidade. Daí a percepção de que a potência do gesto em arte se dá na inscrição de um teor histórico como capacidade tenaz de sobrepujar o trauma que se torna inteligibilidade e se instaura na linguagem. Nossa reação é ativada pelas palavras da Jota Mombaça: “PORQUE SE O MUNDO, QUE É MEU TRAUMA, NÃO PARA NUNCA DE FAZER SEU TRABALHO, ENTÃO SER MAIOR QUE O MUNDO É MEU CONTRATRABALHO” (MOMBAÇA, 2017, p. 20-25). Em nossa metodologia, partir de práticas que se organizam por meio dos corpos de estudantes como “contratrabalho”, tornou-se um dispositivo para deslizar dos modos repressivos de transmissões pedagógicas anteriores para dizer que “O PESSIMISMO É TÃO POTENCIALMENTE TÓXICO QUANTO A CRENÇA NA VERDADE, NO FUTURO E NO BEM” (ibid.).

Isso nos faz afirmar que a força erótica proporciona um fundamento epistemológico que auxilia no desmonte de nossos processos cognitivos – o corpo (Eros) como potente lugar de conhecimento (BELL HOOCKS, 2017, p. 257). A presença do corpo e sua relação com o ensino nos faz pensar que uma comunidade psíquica em sala de aula só existe na

medida em que é construída, assim como a elaboração de sujeitos que se apoiam naquilo que os rodeiam ou os atravessam (ROLNIK, 2015). Neste encontro com o outro, como escapar do desejo de simetria ou mimetismo? Como provocar experiências poéticas não estabelecidas por causalidades, mas justamente na intenção de um psiquismo que, no desejo da presença do outro como fator pregnante dos processos de subjetivação, inclui a alteridade como propulsora de ruptura da causalidade e instauradora de novos ritmos?

Em nossa empreitada metodológica, recuperamos a força feminista das narrativas pessoais de que nos fala Bell Hooks (Ibid) como ponto de rasura do lugar tradicional do professor na figura daquele que oferta seus conhecimentos, para lhes dizer meus caros, que o primeiro fogo desta forja é a queima de nossa imersão na questão hierárquica que formou nossos estudos. Explicamos. Era ainda outubro de 2016 quando aconteceu um incêndio no prédio que abriga nossa Escola de Belas Artes. Eis uma breve fisionomia do quadro: aulas suspensas, espaços interditados, direção envolvida em equacionar o problema, solicitações de laudo técnico, ocupação de estudantes no prédio, retorno das aulas sistematicamente adiado, laboratórios perdidos, indefinições sobre o andamento do semestre, deriva de greve, singularidades afetadas. Uma das estratégias encontradas em conjunto pela direção, docentes e discentes, foi a de dar continuidade ao trabalho acadêmico, mesmo naquele momento, por meio de aulas abertas em que poderíamos agregar estudantes dos 13 cursos da EBA. Entendemos num contexto mais recrudescido de adoecimento, que os processos de promoção de saúde passavam necessariamente pela ativação de estarmos uns com os outros.

As aulas eram na verdade, grandes encontros que aconteciam justamente em espaços liminares, com o arranjo material que atualizávamos no momento. Em um desses encontros em que trabalhávamos o corpo afetado pelo estado limite em que estávamos, entendemos a importância de recuperar a voz de cada um. Assim, a utilização da narrativa pessoal foi um dispositivo provocador de uma espécie de equivocidade – pelos sentidos mais múltiplos possíveis de tantas vozes – mas, que ao mesmo tempo exibia seu desejo de um certo controle. Controle da saúde mental de todos, mas como um ajuste de possíveis. Assim trabalhamos exaustivamente com o binômio voz-corpo, com leituras em voz alta, performances centradas na experiência do corpo e muitas vezes, simplesmente dançando.



Figura 1. Vídeo performance, acervo de aula da autora, 2016.

Se o corpo apareceu como um recorte que nos queima, propomos ainda o cruzo como potência teórica de enfrentamento das condições acadêmicas. A noção de cruzo se compreende na Pedagogia das Encruzilhadas como formação pluriversal dos conhecimentos gerados no movimento transatlântico que golpeia o empreendimento colonialista. O cruzo é a confluência performativa de saberes praticados que rasura sistemas epistêmicos “monoculturais, monorraciais, de tempos lineares, os desvios ontológicos, os epistemicídios, o desarranjo das memórias, as produções de impossibilidades, os desmantelos e injustiças cognitivas” (RUFINO, 2017, p. 120). A estrutura da encruzilhada – espaço relacional de encantamento para saberes plurais – acoplada ainda nas narrativas, inscreve uma atitude que não defende a negação. A encruzilhada não determina onde, como e quem convocamos para falar, mas justamente entende que uma educação que se quer emancipatória precisa operar uma antropofagia conceitual e o desmonte dos binarismos canônicos pelo bater dos tambores em ritmo sincopado naquilo que ela cospe e esfuma no marafo (SIMAS&RUFINO, 2018, p. 19). A síncope é trazida como saber praticado e operatória que rompe o fluxo dos acontecimentos e no limite nos faz ver os espaços intervalares, um limiar que para além de fronteira, é espaço-tempo de passagem. Assim, as encruzilhadas “são perspectivas de mundo” (ibid., p. 23) em nossa prática de educação que para além de querer explorar campos semânticos em simetria, se dá com um encontro mágico ativador do conceito de história de Walter Benjamin e seu âmago de experiência, de novas categorias de temporalidade e da valorização do presente em relação a um passado imobilizante.

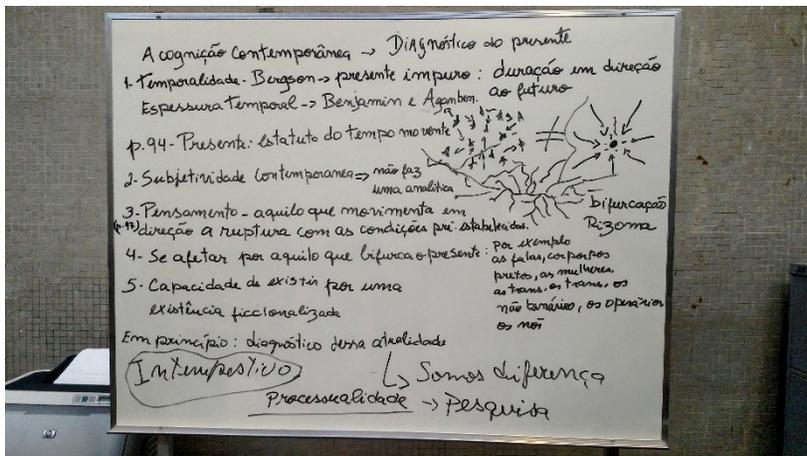


Figura 2. Quadro, acervo de aula, 2017.

## VIRAGEM EPISTÊMICA DE SABERES PRATICADOS NA IMAGEM

Em sua tese *Sobre o conceito de História*, Walter Benjamin (1994), lança uma crítica que abarca tanto a concepção de passado imobilizado, quanto sua própria forma de escrita. De sua análise da ciência literária burguesa, profundamente relacionada com o pensamento socialdemocrata do progresso histórico e sua feição filosófica como um historicismo idealista que defende a história como fatos isolados em suas potencialidades, Benjamin faz saltar a figura do historiador materialista como aquele que tem a tarefa de escrever uma outra história. Daí que o vasto drama histórico universal figurado numa história unilateral de dominação e de poder que estabelece o par de ação crença-inteligibilidade baforado na cultura, é o alvo desse historiador materialista que, já tendo como antecedente o próprio Nietzsche em sua *Segunda consideração intempestiva* (GAGNEBIN, 2018, p. 66), infere o intempestivo como toque sincopado do tambor para mudar o curso da história. O que emerge da síncope, essa alteração inesperada do curso rítmico (intempestivo), é o lançamento de uma mandinga transgressora do historiador que a contrapelo da história, constitui uma barbárie positiva, incluindo a consciência de choque que nasce junto com a perda da aura. O choque é aquilo que pode nos fazer ver as frestas da fantasia, “é o potencial de estranhamento de que se carregam os objetos quando perdem a autoridade que deriva do seu valor de uso e que garante a sua inteligibilidade tradicional” (AGAMBEN, 2007: p. 75).

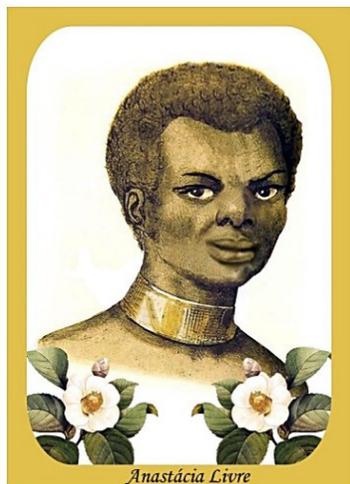


Figura 3. *Monumento a voz de Anastácia*

Yhuri Cruz, 2019, <http://yhuracruz.com/2019/06/04/monumento-a-voz-de-anastacia-2019/>

O trabalho *Monumento a voz de Anastácia* (2019) de Yhuri Cruz, produz uma ação que podemos considerar análoga a tarefa do historiador materialista de Benjamin no cruzo de nossa reflexão. A potência ficcional das imagens, por sua operação “a meio caminho entre as coisas e os sonhos, um entre-mundo, num quase mundo, onde talvez se joguem as nossas dependências e liberdades” (MONDZAIN, 2009. P. 12) não existe sem a linguagem que articulam – tal como a ciência literária burguesa. Linguagem que trabalhou durante séculos para prefigurar a imagem de Anastácia sob a mordança, a imagem subalternizada dos povos provenientes da diáspora africana. Reconfigurar a imagem de Anastácia é um “contratrabalho”, um escovar a história a contrapelo, que afirma uma epistemologia imanente.

Nesta rede de transformações dinâmicas, dizemos aqui que para Benjamin, a tensão interna da lembrança que o historiador não recorda sem horror (BENJAMIN, Apud. GAGNEBIN, 2018, p. 67) é toque sincopado no historicismo e nos faz referir ao par vencedores e vencidos em seu caráter igualmente duplo, entre o campo do visível e aquilo que se dá como remetimento. Desta zona primeira o que nos retorna é uma “espécie de vazio” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 31) que, atualizado na recriação da memória pode fazer saltar o sintoma daquilo que nos inquieta na própria visão reduzida dos enlaces culturais. Daí dizermos que a lembrança, ou se quisermos, a memória, no assentamento de saberes da imagem da Anastácia de Yhuri Cruz, opera uma viragem epistêmica que se alicerça na imanência de sua atualização e cria experiências de novos possíveis, inclusive, para o próprio uso que toda e qualquer imagem.

Ver a imagem como ativação metodológica requer um tempo para além da fruição do momento que abre possíveis, exige um tempo para além da contemplação pura que incide

uma sucessão de outros tempos em simultaneidade, tempos que antecedem a fruição e a ultrapassam no processo reflexivo que ela engendra. E é assim que o teor artístico se faz presente: pensar é um trabalho de arte, ambos a conformação de uma constelação de forças que não se resolvem, que permanecem em tensão dialética sem chegar ao lugar de uma síntese. Dito de outro modo, interessa a pergunta sobre qual o tipo de conhecimento que a imagem mostra. Walter Benjamin diferenciou a imagem na era da reproduzibilidade técnica por seu irrecusável poder de aproximação das coisas, talvez seja esse o maior fascínio da imagem, o de colocar o mundo em nossas mãos conferindo um caráter de posse e consumo. O paradoxo desta aproximação é o fato de criar um problema para a singularidade e permanência da imagem em nós (BENJAMIN, 2012/1939, p. 14). Assim se faz premente a questão de fundo na arte sobre seu teor político e é desta forma que o trabalho de arte é pensado aqui, como um modo de constituir uma instância política em sua fisionomia. Mas o que seria isso?

## ASSENTAMENTO NA PRAÇA TIRADENTES

Em fevereiro de 2019 iniciamos a experiência LAVRA, uma residência com duração aproximada de 45 dias, de artistas mulheres em ocupação do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no centro da cidade do Rio de Janeiro. O projeto-plataforma LAVRA era um lugar de trabalho e negociação para a criação de um evento de Performance Arte, sob a provocação temática do corpo como território político, a ser realizado no dispositivo do CMAHO e em seu entorno. Chamamos de estado de arte neste trabalho todas as atividades processuais de elaboração do evento de Performance Arte que incluiu a pesquisa e levantamento de performers e grupos de performance que atuam na cidade do Rio de Janeiro e sobretudo em seus territórios periféricos; a atualização e a discussão da inclusão de ações performativas; a articulação de uma rede experimental de performers e grupos de performance e ação; a configuração e discussão das (des) normativas e seus endereçamentos as práticas decoloniais do corpo. A experiência LAVRA vinha na esteira de uma exposição que havíamos realizado, nós da coletiva de mulheres, sob nossa curadoria em que problematizamos o corpo feminino na história da arte. Reforçando a ideia de que é preciso problematizar a cisão entre teoria e prática no ensino de arte e que lançar na roda uma prática pedagógica não hierárquica, era em nosso caso, insistir num contexto de educação libertadora e de consciência crítica que não incluía a negação do próprio corpo. Na ação que entendíamos como um assentamento, ou seja, a convocação de saberes encarnados e soprados nos corpos de performers a agirem no território da praça não havia nenhuma espécie de curadoria, por assim dizer, ou seleção. Trabalhamos também em par com o deslocamento do caráter corporal do professor em sala de aula como razão e efeito de conhecimento sobre o educando, para uma operativa que viabilize o encontro com seus limites. Se de algum modo podia parecer que defendíamos um anti-intelectualismo por

inferir em situações de conhecimento experimentais, na verdade foi possível compreender posteriormente que estávamos mais conectadas naquele momento com o caráter exuziaco do +1: “Esse caráter o dimensiona como inacabado, como potência que pode vir a se somar e alterar toda e qualquer situação” (RUFINO, 2018, p. 77). No encanto da convocatória do +1, apostamos em acolher todas as propostas que chegavam até o momento de iniciar a ativação da praça. Seguem alguns exemplos das propostas de artistas na ocupação da Praça Tiradentes que ocorreu em 30.03.2019, de 14h – 18h.

### **VICTOR ARRUDA E ANDRÉ SHEIK - VICTOR ANDRÉ ARRUDA SHEIK**

Conversa sobre arte e o que não é arte. Os dois artistas conversarão principalmente sobre arte (seus limites, definições, circuitos, artistas etc.), todavia abordarão diversos outros assuntos, que devem surgir no decorrer do diálogo. Será uma conversa franca, fruto da amizade entre os dois e das personalidades de ambos, que têm como forte característica a franqueza.

### **AYESKA ARIZA - RETORNAR**

A performance *Retornar* surge a partir da pesquisa etimológica da palavra CENTRO. Explora-se a caminhada e as pausas. Não existe desejo, movimentos circulares e espiralados se dão quando é necessário, assim como as pausas. A caminhada é um gatilho para entrar em fluxo e relembrar um gesto corriqueiro.

### **AMADOR E JR. SEGURANÇA PATRIMONIAL LTDA - 360°**

Os seguranças permanecerão um de costas para o outro, de modo que seus olhares nunca se cruzarão, mas observarão tudo aquilo que o outro não poderá ver.

### **APOLÔNIO, M - 002**

São sete da manhã, a porteira Esú vigia. Estouram a porta, enxergasse Esú a proteger-me contra 3 fuzis destravados e munidos de balas de fogo. A vivência diária de um negro na periferia é encenada na performance 002, tendo surgido a partir da leitura de uma invasão de policiais na residência do performer, a cena conversa com a vista periférica, da identificação de gado por cor e raça, a marginalização do corpo periférico, o racismo e a politização para dar foco a arte como ponto inicial de qualquer discussão do gênero. Manchetes de jornais estampam os rostos negros diariamente e partir deste contexto iniciamos a nossa intervenção.

## FRAGMENTOS DE VOZES A CONTRAPELO

Nossa escrita se vale também de uma incorporação entre imagem, corpo e linguagem em uma metodologia que não se assenta em normativas tradicionais. Assim, das nossas experiências de leitura em voz alta, do fortalecimento das narrativas pessoais, passamos a gerar tempo na direção de uma metodologia do cuidado. Em nossa experiência o cuidado estava, em uma medida, nas possibilidades de trabalho em que não diferenciamos docentes e discentes, no enfrentamento de questões raciais e de gênero que assolam o contexto da universidade e da cidade e na investigação de economias para a existência dos trabalhos de arte. Alguns lugares de enunciação foram possíveis para gerar experiências responsivas:

1. Entender que a pergunta faz parte da malícia do processo de pesquisa.
2. O acoplamento de áreas de estudo e de lugares topológicos (onde nos encontramos e para onde nos movemos).
3. As relações fundamentais entre o conhecer e o saber de si.
4. Pensar as potências de criação que estão em cada ação.
5. Não tratar de querer o sempre novo e sim trabalhar no mais sensível no permeável.
6. Invenção de condições.
7. Pesquisa militante como investigação da vida.
8. Atenção para o que se olha.
9. Temporalidade.

+1.

Daí que passamos a elaborar algumas experiências em coletivo. Uma delas, *Da parte de uma pedagogia selvagem*, um vídeo de 20' de autoria de artistas-pesquisadores, é a mostragem experimental de uma lógica constelativa entre o trabalho pedagógico e o trabalho de arte. A ideia principal era a de compor algo em conjunto que simbolizasse de algum modo nossas práticas em coletivo. Assim surgiu a estrutura de prólogo e quatro capítulos, que expõe artistas e trabalhos de forma dialógica como fazedores, agenciadores de elementos, de pensamentos e matérias. O título, parafraseando Lévi-Strauss e Eduardo Viveiros de Castro, aponta para um desejo de percutir um perspectivismo pedagógico. Estávamos nesta época muito perto uns dos outros. Fazíamos experimentações corporais no território, na universidade, nos espaços domésticos e ainda articulados com as narrativas pessoais resolvemos partir delas, exercitando justamente uma identificação com algo que nos parecia vir de fora ao nosso encontro. Daí surgiram os fragmentos em vídeo. Expomos aqui, dois desses fragmentos: *Território*, de Mariana Velozo e *Close de bixa preta*, de Nelson Almeida.

*Território* é um vídeo de 4 minutos em que a artista percorre o espaço urbano a partir de um gesto do gênero masculino. O gesto de urinar na rua é uma marca de território, uma marca de ocupação do corpo-mulher em um espaço eminentemente de liberdade masculina (mesmo que seja uma marca de contravenção por muito tempo naturalizada). O trabalho levanta a indagação sobre a ausência de banheiros públicos na cidade do Rio de Janeiro, contendo a presença apenas de mictórios (UFA) espalhados a serviço da população masculina, como forma de manifesto na ausência de banheiros públicos. A artista urina nas ruas de forma natural, com a ideia de marcar aquele território com

um vestígio de mulher, dando um novo significado para essa ação mais habitualmente vista como forma agressiva e desconfortável (sobretudo em se tratando de uma mulher), transformando-a em uma ação natural e rotineira do corpo.

A edição do vídeo privilegia uma montagem que lança o foco na ação (performance) da artista. Um pequeno prólogo abre o vídeo, no qual a artista é captada já como fragmento, como uma parte do corpo-em-fala. A montagem em seu teor crítico quer exibir a visibilidade da voz das mulheres e em um gesto alusivo, o mesmo que o urinar no espaço público quer expor: **corpo+mulher+vivo+pele+superfície+transgressão=assentamento**.

*Território* foi para o grupo um modo de formalizar forças que estudávamos sobre a noção de “fora-do-sujeito” como “a experiência das forças que agitam o mundo enquanto corpo vivo e que produzem efeitos em nosso corpo em sua condição de vivente” (ROLNIK, 2016), ao mesmo tempo que não se dissociava de uma ação desejante.

Em *Close de bixa preta* (4'), Nelson Almeida realiza uma tensão verbo-visual. Na laje de sua casa no subúrbio da cidade, vestido apenas com um turbante rosa, sentado num banquinho, Nelson descasca e come uma banana, na sequência pinta suas unhas com esmalte também cor de rosa. O corpo preto se dando ao visível, de um certo modo espetacular – um personagem pelado, exagerado como compressão de sua própria história – dezenove anos em quatro minutos, insistindo em ser visto na casa paterna numa afirmação de sua sexualidade não normatizada.

A compressão temporal promulgada como espectro de liberação do corpo preto e de sua sexualidade inferem a magia de um modo histórico desse corpo em expansão. Enquanto vemos sua imagem, correm as legendas com uma narrativa pessoal em palavras escandidas que já anuncia a capacidade revolucionante da vida nua como uma pós-lápide: “Aqui jaz meu corpo/ preto/e rosa/o corpo imposto/o corpo normatizado/o corpo interno/ claustrofóbico/esperançoso pela liberdade/o corpo multipolar/antagonista do meu eu/um corpo barata/que vive/e sobrevive/e revive/e multiplica/sobre os restos dos corpos.”

O erótico pulsante em *Close de bixa preta* e sua proposição nos faz ver o corpo incorporando o falo, ou seja, a função de corpo-falo exhibe justamente sua qualificação de corpo político e a reversão possível de sua sexualidade por meio de um dispositivo sensorial. Nos enlaçamos aqui pela imagem da aura para Benjamin que reside numa configuração imagética pela qual podemos pensar as potências e, sobretudo, as potencializações corporais na implicação cognitiva e assim em sua democratização ou sua dimensão plural e seus modos de acesso, na medida em que temos no distanciar uma espécie de categoria-ação daquele que forja o conhecimento = assentamento.

Conhecimento forjado é conhecimento trabalhado no fogo. Tomar distância, como na aura em Benjamin, é tomar posição, é colocar-se em confronto sensual com o mundo. É no roçar o corpo no mundo, ou em suas estruturas, que atingimos o desejo coletivo. Mas é preciso que algo seja tocado no corpo, nem que seja pela sombra das coisas e ao mesmo tempo que algo seja respirado (BENJAMIN, 1994, p. 101).

O corpo preto em *Close de bixa preta*, sua ação sensual, e a legendagem do vídeo problematizam sentidos unívocos e lança em cruzo epistemológico um saber situado que se lança contra o gesto necropolítico. Nelson Almeida neste investimento exhibe com sutileza uma potência emancipatória e resiliente como uma ativação de uma história dos conhecimentos posicionados nas margens. O corpo incorporado é corpo-cavalo, é corpo-em-expressão que por expansão aponta para processos educativos: “Os saberes estão a ser significados e circulados no mundo em diferentes formas de experiência, o corpo como um sistema cognitivo amplo e complexo os incorpora e a expressa em forma de mandinga” (RUFINO, 2017, p. 90).



Figuras 5e 6. Stills do vídeo *Close de bixa preta*, Nelson Almeida, 2016, acervo do artista.

Daí que nos lançamos à leitura de Achille Mbembe (2018), que exhibe a elaboração da concepção dos significantes “África” e “negro” como potentes lugares de dominação que o aparato colonial soube produzir e que ao mesmo tempo se valeu desta crise na recepção liberada pela tecnicidade (BENJAMIN, 1994). O bombardeio de imagens (estimulação

excessiva) e uma organização sinestésica entorpecida causam uma inversão dialética ou um modo de bloquear a apreensão estética que repercute na capacidade de reação política do organismo humano (BUCK-MORSS, Op. Cit. p. 170). O corpo em franca perda de sua disposição sensível e capacidade simbólica, torna-se cada vez mais incapaz de reação ao éter iluminista da colonialidade.

Neste cruzo, Mbembe traz Fanon para identificar o significativo negro como instância enigmática que remete a própria existência para uma vida espectral. Se um dos núcleos do enigma do significativo negro é o fetiche de sua condição sexualizada, em sua potência viril e em um falo prodigioso, todo o discurso que deriva daí só pode se esquivar da linguagem, com o risco de mudez sobre sua própria condição. Na falta da linguagem, ou melhor, na impossibilidade dela pela transferência fantasiosa do falo a um outro que reside em uma região de sombras (MBEMBE, 2018, p. 197), a estratégia para a sobrevivência acaba operando uma comunicação industriosa e auto cegante. O ato eminentemente político se mostra por uma reversibilidade incessante e estruturante (daí seu eterno retorno) do laço entre sujeito e objeto, no qual um se faz na perda do outro e a incompletude é seu estigma. Sigamos!

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. 2015. *Meios sem fim*. Trad.: Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

\_\_\_\_\_. 2007. *Profanações*. Trad.: Selvino J Assmann. São Paulo, SP: Boitempo.

BENJAMIN, Walter. 1986. O caráter destrutivo. In WB. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos* (pp.187-188). Seleção e apresentação Willi Bolle; tradução Celeste H.M.Ribeiro de Sousa (et al.). São Paulo, SP. Cultrix/Edusp.

\_\_\_\_\_. 1994. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, SP: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica, 1939-2012. In TC *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Org. Capistrano. Trad.: Marijane Lisboa e Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Contraponto.

BUCK-MORSS, Susan. 2012. Estética e anestésica: uma reconsideração de *A obra de arte* de Walter Benjamin (pp.155-204) In: TC. Org. CAPISTRANO. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Trad.: Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.

DIDI-HUBERMAN, Georges. 2005. *O que vemos, o que nos olha*. Trad.: Paulo Neves. São Paulo, SP: Ed. 34.

FANON, Frantz. 2018. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad.: Renato da Silveira. EDUFBA, Salvador, BA.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. 2018. *Walter Benjamin: os cacos da história*. Trad.: Sônia Salzstein. São Paulo, SP: n-1 edições.

HOOCKS, Bell. 2017. *Ensinado a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, SP: Martins Fontes.

MBEMBE, Achille. 2018. *Crítica da razão negra*. Trad.: Sebastião Nascimento. São Paulo, SP:n-1 edições.

MEINTJES, Louise. 2006. Disparate al Sargento, derrumbe la montaña: la producción de la masculinidade por médio del canto y baile Sulú “Nogoma” em la Suráfrica Post-Apartheid. Trad.: Sebastián Cruz y Ana María Ochoa Gautier. In TRANS: Revista Transcultural de Música.

MOMBAÇA, Jota. 2017. O mundo é meu trauma. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, MG, número 11, página 20 - 25, 2017.

MONDZAIN, Marie-José. 2009. *A imagem pode matar?* Trad.: Susana Mouzinho. Lisboa: Nova Vega.

ROLNIK, Suely. 2015. “A Hora da Micropolítica”. Trad.: Michael Kegler Copyright: Versão reescrita de trechos da entrevista originalmente publicada pela revista Re-visiones # Cinco – Madrid.

RUFINO, Luiz. 2017. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. Orientadora: Carla Pinto Passos. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

\_\_\_\_\_. 2018. Pedagogia das Encruzilhadas. *Revista Periferia*, V.10, n1.,p.71-88, Jan./Jun.

SIMAS, Luiz Antonio & Rufino, Luiz. 2018. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro, RJ: Mórula.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Academia Imperial de Belas Artes 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11

Análise acústica 12

Anos iniciais 214, 216, 219

Aprendizagem de docência 231, 238

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 23, 24, 29, 30, 31, 34, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 100, 101, 104, 121, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 143, 154, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 199, 207, 208, 210, 212, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 234, 243

Arte participativa 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 92

### C

Calendário do som 70, 71, 77, 79, 80

Campos mórficos 81, 99

Contextos de aprendizagem da música 151

Criatividade 37, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 51, 86, 130, 132, 133, 165, 172, 182, 198, 211, 215

Cultura 27, 34, 61, 63, 66, 68, 69, 80, 86, 88, 89, 101, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 128, 129, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 159, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 183, 190, 202, 204, 218, 225, 226, 229, 233, 237, 243

Cultura afro-brasileira 116, 118, 119, 120, 121, 129

Currículo 1, 118, 119, 120, 154, 155, 156, 178, 179, 180, 181, 183, 187, 188, 193, 219, 220

### D

Design de moda 36, 37, 46, 47

Dimensões da musicalidade 207, 208, 210, 211, 212, 216, 217, 218

Diversidade cultural 116, 117, 118, 119, 126, 128, 221, 225, 229

### E

Educação das relações étnico-raciais 139, 140, 143, 149

Educação musical 48, 49, 51, 52, 54, 55, 59, 60, 61, 66, 68, 69, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 149, 150, 151, 154, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 179, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 222, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 240, 241, 242

Ensino-aprendizagem 53, 82, 99, 130, 131, 135, 166, 176, 234, 236, 240

Ensino artístico 1, 2, 10, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 162

Ensino coletivo de violino 197, 198  
Ensino de artes visuais 165, 166, 176, 177  
Ensino de música 68, 69, 152, 158, 160, 163, 181, 183, 189, 190, 192, 197, 198, 206, 208, 210, 219, 222, 224, 226, 229, 237  
Ensino de regência 178, 179, 187  
Ensino do desenho 2, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 113, 114  
Ensino formal e não-formal 231  
Ensino genérico da música 151  
Ensino não formal 102, 110  
Equilíbrio sonoro 12, 16, 17, 21  
Escola 2, 3, 5, 6, 10, 11, 14, 21, 24, 25, 52, 54, 55, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 100, 110, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 143, 147, 148, 154, 155, 157, 158, 159, 163, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 218, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 228, 230, 232, 234, 236  
Escola rural 197, 199, 200  
Estágio 38, 53, 191, 231, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242

## **F**

Festival de música contemporânea brasileira 70, 80  
Flauta transversal 12  
Formação e atuação em educação musical 48  
Formação musical 48, 49, 56, 157, 159, 182, 189, 199, 224  
Frevo 70, 71, 72, 73, 75, 76, 79

## **G**

Gestão por processo 36, 38, 39, 42, 45

## **H**

Hélio Oiticica 29, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 101  
Hermeto Pascoal 70, 71, 72, 74, 79, 80  
História africana 116  
História da arte 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 29, 85, 86, 165, 166, 167, 168

## **I**

Identidade 42, 59, 60, 61, 65, 66, 68, 69, 95, 106, 112, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 193  
Inclusão 29, 130, 144, 155, 190, 192, 196  
Integração 37, 56, 57, 81, 85, 86, 92, 98, 105, 112, 130, 132, 153, 156, 159, 182, 190, 234,

Intergeracionalidade 59, 60, 61, 63, 67

## L

Licenciatura em música 130, 131, 135, 178, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 193, 198, 206, 231, 232, 233, 234, 235, 239

Lygia Clark 81, 82, 85, 94, 97, 98, 100, 101

## M

Memórias afetivas 81, 92, 93, 94

Metodologia 4, 9, 24, 31, 37, 41, 43, 45, 47, 50, 82, 87, 100, 105, 130, 131, 135, 137, 138, 143, 179, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 199, 201, 202, 231, 233, 240

Metodologias experimentais 23

Música 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 35, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 79, 80, 92, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242

Música mista 12, 14

Musicologia 70

## N

Negros 30, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 127, 128, 141

## P

Paul Ricœur 70, 71

Pedagogia das encruzilhadas 23, 24, 26, 35

Prática docente 49, 102, 103, 105, 107

Prática pedagógica 29, 110, 116, 192, 227

Prática profissional 48, 55

Produção do conhecimento 36, 41, 42

Projeto de extensão universitária 48

Projeto social 189, 192, 195, 231, 233, 240

## T

Terceira idade 63, 165, 166, 176, 177

Transtextualidade 70

## **V**

Voluntariado 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

## **W**

Walter Benjamin 23, 26, 29, 34, 35

# ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

# 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

# 2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2021